



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES -CH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JAFAELE BERNARDO MARQUES

**REPRESENTAÇÃO DE VALORES E DESVALORES DO NORDESTE
NOS RITMOS DO CORDEL**

Guarabira, maio de 2016

JAF AELE BERNARDO MARQUES

**REPRESENTAÇÃO DE VALORES E DESVALORES DO NORDESTE
NOS RITMOS DO CORDEL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em letras da Universidade Estadual da Paraíba , em cumprimento á exigência de obtenção do grau de licenciado em Letras .

Orientadora : Profa. Dra. Maria Suely da Costa

Guarabira , maio de 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M357r Marques, Jafaele Bernardo
Representação de valores e desvalores do Nordeste nos ritmos do Cordel. [manuscrito] / Jafaele Bernardo Marques. - 2016.
16 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
Orientação: Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Departamento de Letras.

1. Cultura. 2. Nordeste. 3. Cordel. I. Título.

21. ed. CDD 398.5

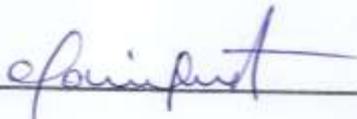
JAFAELE BERNARDO MARQUES

REPRESENTAÇÃO DE VALORES E DESVALORES DO NORDESTE NOS
RITMOS DO CORDEL

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade Estadual
Da Paraíba para obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 25 / 05 / 2016

BANCA EXAMINADORA



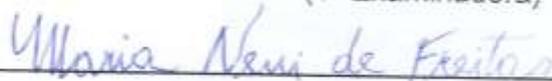
Prof. Dra. Maria Suely da Costa

(Presidente)



Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo

(1ª Examinadora)



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas

(2ª Examinadora)

Guarabira, maio de 2016

RESENTAÇÃO DE VALORES E DESVALORES DO NORDESTE NOS RITMOS DO CORDEL

RESUMO

A discussão central deste trabalho está na compreensão do cordel como texto literário cuja matéria tem muito de seu referente. Neste caso em específico, cenário nordestino e regionalista, o artigo terá como objeto de estudo o cordel *O Nordeste é a Periferia do Brasil*, de autoria de Jarid Arraes, publicado em 25 de abril de 2015. O objetivo está em verificar como o nordeste e seu povo é representado através de seu cordel. A compreensão é a de que esse gênero textual é uma forma de manifestação artística que permite liberdade de forma significativa com elementos regionais que adota o favorecimento, a aquisição e sintetização de saberes. A metodologia de natureza exploratória do texto literário terá como subsídio teórico as contribuições de Bosi (1977), Candido (2000), Albuquerque Júnior (2001), dentre outros.

Palavras – Chave: Cultura. Nordeste. Cordel

1. Introdução

A função da literatura de cordel, desde sua origem, é comunicar. Somam-se a isso outras funções tais como: divertir, instruir, educar, ensinar e informar. Servindo, conforme estudiosos, tal qual jornais que levam informes das capitais para os sertões nordestinos. Para Diégues Jr (1977), a literatura de cordel, na sua condição de meio de comunicação, se constituiu, portanto, em um instrumento de interligação entre as sociedades. Assim, segundo Diégues Jr (1977), na literatura popular encontramos traduzido o próprio espírito da sociedade.

É buscando compreender isso, que este trabalho objetiva verificar como a cultura regional do Nordeste é representada através do cordel. Que valores e desvalores do Nordeste estão representados? Esta literatura estimula a aprendizagem de forma lúdica e respeitando a cultura regional e suas possibilidades?

A partir de uma perspectiva inclusiva, acredita-se que a educação “supõe também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de conteúdo da educação” (FORQUIN, 1993, p.10).

Estas reflexões adota-se como ponto de partida a análise interessada em observar se esta representação da cultura regional por meio do cordel, poderia ser um instrumento usado em sala de aula para fins de estudo da identidade regional.

O objeto de estudo selecionado é de autoria da poetiza Jarid Arraes, intitulado *O Nordeste é a periferia do Brasil*. Já pelo título tem-se por certo uma imagem de que este representa os desafios enfrentados pelo povo nordestino.

Justifica-se o desenvolvimento dessa pesquisa por compreender que o cordel ao abordar temas de várias realidades vividas pelos povos, traz, assim, para o aluno a possibilidade de compreender a memória histórica e cultural de um povo. Com efeito, o poder literário alimenta a expansão comunicativa associada a uma identidade, estimulando a imaginação e a criatividade.

Para fazer a reflexão que propomos sobre o cordel, dividimos nosso trabalho em quatro tópicos : o primeiro será a introdução, onde irei mostrar o que vai ser desenvolvido ao longo deste artigo, no segundo falaremos sobre o cordel onde e

como ele surgiu e qual sua importância para a nossa tradição popular, o terceiro fica dedicado a análise do cordel “ o nordeste é a periferia do Brasil ” de autoria da Jarid Arraes, e para concluir faremos as considerações finais mostrando os resultados obtidos através deste estudo.

2.Literatura de cordel

O histórico sobre a origem da Literatura de cordel não possui muitos dados, sendo que a mesma surgiu no nosso país durante o início da colonização portuguesa, e aos poucos se tornou popular no Brasil.

sendo assim, coube aos portugueses trazerem para o nosso país esse tipo de literatura, que era conhecida como “folhas soltas”. ” (FORQUIN, 1993, p.18). Estes manuscritos foram fixados no Nordeste e adquiriu as peculiaridade do local por meio de sua cultura regional, que traziam em seu contexto a formação nordestina, as desigualdades, conflitos sociais, conflitos familiares. Então, o cordel foi e é utilizado como forma de pensamento coletivo cultural, qualquer tema pode virar cordel na mão de um poeta observador.

O termo cordel está ligado à forma de comercialização desses folhetos em Portugal, onde eram pendurados em cordões, lá chamados de cordéis. Inicialmente, eles também continham peças de teatro, como as de autoria de Gil Vicente (1465-1536). O cordel é um texto em forma poética que tem como princípio relatar histórias e informar a quem os lêem.

Geralmente sua capa é ilustrada com o processo de xilogravura que é a técnica da gravura em uma matriz de madeira que denota sua personalidade própria. Esse gênero textual possui tal nome devido ficar exposto em uma corda nas feiras, daí o termo cordel.

Esse tipo de literatura é muito típica no nordeste e o que mais nos encanta é a forma que os cordelistas conseguem tornar qualquer assunto em poesia seja política , religião, entre outros temas. Os poetas Leandro Gomes de Barros (1865-1918) e João Martins de Athayde (1880-1959) estão entre os principais autores do passado.

Temos grandes nomes nordestinos que se destacam no cenário nacional ao dedicar-se a literatura de cordel, tais como Apolônio Alves dos Santos, natural de

Guarabira; Aderaldo Ferreira Araújo, natural do Crato Fortaleza; Elias A. de Carvalho de Pernambuco; Expedito Sebastião da Silva nasceu em Juazeiro do Norte, Ceará, Firmino Teixeira do Amaral, Piauí; Francisco das Chagas Batista, Campina Grande/Pb; Francisco Sales Arêda, Campina Grande/Pb, entre tantos outros mas, todos com a finalidade de por meio de sua arte demonstrar e validar a cultura de sua região notados de fatos verídicos e com a leitura transformado-a em conhecimento.

A autora do cordel *O nordeste é a periferia do Brasil*, que nos deu subsídios para desenvolver este trabalho, é nascida e criada em Juazeiro do Norte. Jarid Arraes se dedicou ao cordel desde criança talento que veio do seu pai e avô que também eram cordelistas e faziam xilogravuras. Ela cresceu com esse contato direto com o cordel que é uma manifestação da cultura popular nordestina. Em seus cordéis, a mesma aborda os temas que a deixa preocupada junto com os desafios enfrentados pelos nordestinos, transformando assim suas vivências em versos rimados. Além de cordelista, Jarid é comprometida com projetos de direitos humanos e tem uma coluna semanal na *Revista Fórum* chamada “Questão de Gênero”. Nesta coluna, ela publica textos de opinião e também cordéis de diversas temáticas, em especial sobre a mulher.

Os cordéis nos abre o poder de conhecer mais de perto a nossa cultura nordestina que é rica. Em seus relatos, os cordelistas nos revelam, antes de tudo, sua realidade social, lutas e sofrimentos e também utilizam da crítica, quando necessário, para denunciar algo de uma forma poética.

Para Antonio Candido (1972,p.805), a literatura é :

modalidades mais ricas, e a fantasia presente nela quase nunca é pura, pois se refere invariavelmente a determinada realidade. Este vínculo entre imaginação e realidade, segundo o crítico, serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade. Ao mesmo tempo, a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo sub-consciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos.

Do ponto de vista de sua natureza formativa, durante muito tempo, o cordel serviu de meio educativo para alfabetizar as pessoas que não tinham condições financeiras para adquirir as chamadas cartilhas, cabendo assim a esse meio

informativo exercer esse papel de alta missão social que era justamente alfabetizar o povo necessitado que residia principalmente no Nordeste .

O estudo do cordel é uma possibilidade de encontro entre literatura, gramática, história e principalmente questões sociais e culturais importantes e necessárias que carregam a identidade e realidade nordestina e com importantes discussões educacionais. “O cordel, como uma forma de saber, também é objeto de discussão de outros tipos de saberes. Nele, cruzam-se diferentes percepções que constroem concepções educativas” (ARAÚJO, 2007, p.234).

A literatura de cordel, afirma Araújo (2007), é uma prática social e cultural, que ao ser inserida no âmbito educacional, favorece a construção de conhecimentos, por isso, a mesma pode ser aplicada na educação básica.

3.Valores e desvalores do Nordeste em foco

Sendo uma linguagem e, por definição, literária, no poema de cordel há uma riqueza cultural muito significativa, principalmente quando carrega em suas estruturas questões sociais e culturais. Do ponto de vista do leitor, essa linguagem carregada de significados leva à identificação de problemas e situações ligadas diretamente a seu contexto, e com isso, incentiva-o a posicionar-se diante de situações que surgem em seu cotidiano.

O cordel objeto deste estudo, escrito por Jarid Arraes, tem 26 versos descritos em cada os desafios encontrados pelos nordestinos. Uma das primeiras observações que podemos citar do cordel *O Nordeste é a periferia do Brasil*, está em seu título. Já de entrada, este estimula a reflexão de exclusão sobre a condição de espaço ocupado pelo Nordeste na sua relação com a nação: periferia.

Segundo Freitas (2007, p.193-194)

De modo geral, periferia diz ser o espaço que está no entorno, na vizinhança de outro espaço tido como central. Está quase sempre associada à ideia de supremacia de um ser ou espaço urbano – vista, assim, como espaço ou ser suburbano. Também por isso, relaciona-se sempre à ideia de [contra] hegemonia, devido ao valor político e socioeconômico dado ao termo pelos espaços e seres centrais.

Considerando essa posição de valor, o autor acrescenta ainda que o termo periferia não deve, necessariamente, ser visto como sinônimo de subúrbio, que estaria mais relacionado a questões de densidade demográfica e de geografia, que propriamente a questões econômicas. Ainda assim, existe uma forte tendência em relacionarmos o termo periferia com outro, à pobreza, desprestígio, e, por extensão, invisibilidade.

Este estudo busca compreender a literatura de cordel como uma linguagem que representa a realidade, porém de forma metaforizada. O poeta acrescenta a sua subjetividade, sua imaginação ao que vivenciou. E a partir da sua própria dotação cultural, o receptor da poesia a aplica à sua própria existência.

Observemos, pois, como a Jarid Arraes, no cordel *O Nordeste é a periferia do Brasil*, pontua em seu contexto o preconceito perante os Nordestinos e de como a produção e contribuição Nordestina são esquecidos e desvalorizados:

Nordestina é essa gente
Que conhece a exclusão
O injusto esquecimento
Triste de desilusão
Pois se vive condenado
Invisível e renegado

Só que na cidade grande
Nordestino vira bicho
Humilhado e explorado
Só tratado como lixo
O trabalho e a labuta
É o som que se escuta
Nessa vida de serviço.

A situação posta nas estrofes acima revela de um lado um sujeito conhecedor de sua condição de exclusão e desumanidade; de outro tem foco o contraponto do espaço do centro: a cidade grande. Neste temos, a configuração de identidade negada pela exploração e humilhação. Em seus versos, Jarid Arraes possibilita ao leitor visualizar uma dada condição e se posicionar. A poetiza defende a questão de Nordeste e também do nordestino, representando em sua poesia o universo do homem sertanejo com suas lutas diárias pelos seus direitos e valores como cidadão.

No trecho em destaque, a poetiza nos mostra a preocupação quanto à os sentimentos de renegação, isolamento e exclusão propriamente dita, uma vez que se tem os direitos desvalorizados.

Já no início do cordel, tem-se o quadro histórico retratado ao pontuar o fato de que diversas pessoas que nasceram no Nordeste e que migraram para as grandes capitais centros urbanos em busca de melhores condições de vida como trabalho, moradia e principalmente fugindo da seca, em muito aumentaram os índices da migração. No trecho a seguir podemos perceber como a autora descreve esse processo:

Trabalhando feito escravo
Sem direito ou assistência
Nosso povo é oprimido
Num teste de resistência
No sol quente ou no frio
Pelos cantos do Brasil
Sem espaço pra clemência.

Esse prédio tão bonito
Que paulista tanto gosta
Só pode ser construído
Com o peso em nossas costa
Sem família pra cobrar
Se morreu, pode enterrar
Feito um pedaço de bosta.

Aqui o nordestino é apresentado dentro de condições de natureza escrava, uma vez que, quando sai do seu estado para as grandes capitais, devido aos trabalhos que a eles são oferecidos considerados pesados de sol a sol e com uma recompensa mínima que mal dar para seu próprio sustento revelando, assim, que o nordestino vive à margem e sob a opressão.

É nesse contexto de desvalorização do Nordeste, enquanto espaço periférico, que se insere este cordel de Jarid. Tem-se aqui o retrato histórico da região assentado na imagem de povo que sofre, porém luta buscando melhorias e acreditando em um futuro melhor promissor e sem exploração. Nos versos que seguem, o poeta fala em nome de uma coletividade que não aceita mais uma condição excludente e discriminatória:

Já estamos saturados
 Dessa discriminação
 Pois a nossa inteligência
 Não é para a servidão
 A gente não é capacho
 Dessa bando de diacho
 Elitista fi do cão.

Eu não mudo meu sotaque
 Nem meu termo imponente
 A riqueza da minha terra
 Que é falada pela gente
 Como disse o Suassuna
 Minha língua é Jaguaruna
 E não troco meu oxente.

De forma clara, o poema apresenta a maneira como os Nordestinos são perseguidos, excluídos, explorados devido à necessidade de busca por melhoria de vida. Tem-se aqui o modelo associativo ou padrão pré-estabelecido por uma sociedade discriminatória, utilizado principalmente para definição ou delimitação de pessoas em acordo com os grupos sociais e geográficos.

Os grupos de nordestinos além de discriminados são segregados. O poema chama a atenção para o fato de que a negligência assistencial para com o povo do Nordeste acaba fazendo com que a migração esteja intimamente ligada à falta de oportunidade, e como consequência, tem-se o aproveitamento de um povo que devido à exclusão, submete-se a uma mão de obra explorada e barata sem a devida valorização do trabalho que oferece.

De acordo com o IBGE (2009) só na cidade de São Paulo metade da população é Nordestina ou descendente. Essa estatística é muito elevada e nos remete a reflexão de que foram os nordestinos que auxiliaram no desenvolvimento econômico da cidade, por um lado, e formação das periferias urbanas de outro:

:

Nossa terra tem favela
 E a polícia é militar
 Aqui tem periferia
 Falta só tu enxergar

É por isso que eu grito
 E nem vou falar bonito
 Pra paulista se agradar.

O fator preocupante é que essa mesma pesquisa realizada pelo IBGE revela que, em sua maioria, moram em favelas e que os empregos por estes assumidos são os que não precisam de diploma universitários, também é destacado no cordel, denotando forte segregação desse povo valente, que bate de frente mas, que é gente de fé e coragem.

As mulheres nordestinas
 Desde cedo exploradas
 Na cozinha ou no bordel
 São ainda traficadas
 Ser mulher não é moleza
 E falando com franqueza
 Só nos veem de empregada.

A batalha feminina
 É puxada e dolorida
 É na roça e na cidade
 Trabalhando por comida
 Com os filho abandonada
 É de meretriz chamada
 E com força reprimida.

Observando as estrofes citadas, é possível afirmar que este cordel traz uma preocupação evidente para com a condição das mulheres e a efetiva desvalorização seja na forma que se fala, se veste, se assume e, principalmente, na colocação no mercado de trabalho e valorização deste trabalho.

É notória a percepção da autora neste poema em estudo frente aos problemas que os nordestinos encararam quando fora de seu território. No cordel *O Nordeste é a periferia do Brasil*, encontramos problemas de gênero cercado por desvalores: a mulher é explorada, desvalorizada e discriminada, bem como há preconceitos, exclusão, anulação entre outros problemas.

O poema mostra que o Nordeste tem muito a oferecer, muito que mostrar e rico dentro de suas belezas e possibilidades. Tais valores precisam se fazer e extinguir a imagem de uma região seca, estiada e com pessoas decadentes que

passam fome, ignorantes e sem a possibilidade de progresso. O que há é uma preocupação com a imagem do Nordeste que “passa ser pensada sempre a partir da seca e do deserto, ignorando-se todas as áreas úmidas existente em seu território” (ALBUQUERQUE, 1999, p. 121).

Na obra *A invenção do Nordeste*, (2011), o estudioso Durval Albuquerque diz que a imagem do Nordeste é pensada e idealizada por meio da seca e do deserto, ou regional, enquanto volta olhar para São Paulo as indústrias e o crescimento da metrópole é sinônimo de universalidade e, portanto, modernas.

A autora em sua escrita denota certa concepção crítica quanto a interpretação equivocada do Nordeste. O Nordeste, para Durval, é regionalista não porque produz um discurso local, mas porque produz um discurso, na sua concepção, fora da modernidade e conseqüentemente do desenvolvimento. Correia de Brito (2013, p 75) ilustra sobre o termo regionalismo:

Ninguém considera regionalista a literatura e o cinema sobre o oeste americano, cheio de diligências, carroças de colonizadores, cowboys de calças apertadas e revólveres na cintura. John Ford, John Huston e Sam Peckinpah nunca foram chamados regionalistas, por mais que caprichassem nos estereótipos de índios apaches e bandidos tomando uísque no balcão de um saloon. Alguém ouviu falar que Steinbeck é regionalista? Mas Graciliano Ramos e todo o cinema nacional sobre cangaço são regionalistas. Não chamam regionalistas os filmes de gangster ou de faroeste porque são produzidos num país que domina a economia do mundo e determina os valores de consumo, impondo modelos aos outros países.

A cultura nordestina, algumas vezes representada pelo folclore, o cordel, festas e comidas. Contudo são produções fora de uso, não modernas e, portanto, restritas a sua regionalidade, como se as produções populares regionais fossem provincianas fadadas a um público alvo restrito. Porém, contraria a posição de Durval o cordel em análise neste estudo, uma vez que mostra ser de suma importância e equivalência para a literatura popular, e tornou-se patrimônio histórico e cultural em especial do povo nordestino brasileiro.

A medida que discorre suas ideias, percebe-se um misto de orgulho por o nordestino ser essa gente dotado de resiliência e capacidade de se reestruturar frente aos problemas encontrados, mas, que alerta para os abusos e exploração

vividos no trabalho, a autora inclui as mulheres no centro de atenção, a falta de assistência e conseqüentemente a opressão que aos nordestinos são direcionados.

É reconhecendo os valores da gente nordestina e os desvalores a ela imputados que a autora conclui seus versos afirmando:

Com orgulho falo alto
Essa pátria me pariu
Como filha nordestina
Dessa força feminil
Me calar não poderia
Eu sou da periferia
Da periferia do Brasil.

4.Considerações finais

Este estudo mostra que a literatura de cordel representa a realidade, ainda que de modo metaforizado. O poeta acrescenta a sua subjetividade, sua imaginação ao que vivenciou. E a partir da sua própria dotação cultural, o receptor da poesia a aplica à sua própria existência.

A literatura popular nordestina tem contribuído, de forma clara e objetiva, para valorização de nossa cultura por ser uma manifestação artística viva que é passada de geração em geração contendo riqueza temática e poética, que de modo simples vem nos informar sobre diversos assuntos.

O cordel em que nos detemos para construir as análises deste trabalho assumiu uma identidade construída por discursos que demonstram os desafios que os nordestinos vivenciam em meio à cidade grande. Traz em seus traços a história desse povo lutador e bravo, as entraves sociais e vivências, construindo um espaço imaginário de algo real e preocupante, conseguindo sobrepor a marca da identidade dos nordestinos.

A situação de exclusão, portanto, periférica, dos nordestinos é o ponto principal debatida por essa obra, permitindo a reflexão. Problematiza-se, por exemplo, a falta de respeito com jornadas árduas de trabalho e exploração. Assim,

conseguem construir grandes centros urbanos e fazer com que as elites detentoras de poder, por meio do dinheiro, consigam acumular ainda mais suas fortunas, em contra partida os nordestinos recebem apenas o que dar para sobreviver, sem oportunidades de amparo assistencialista ou empregatícia sem a evidente exploração voltada para esse povo.

A poesia da escritora cearense retrata as riquezas e misérias da região, descreve com precisão, e assim também acaba por denunciar as suas mazelas, na linguagem de seus conterrâneos, seus principais leitores e ouvintes.

Diante do exposto, torna-se evidente o quanto é rico este material para ser usado no contexto de sala de aula. Isso porque com uma linguagem carregada de significados leva à identificação de problemas e situações ligadas diretamente a seu contexto, e com isso, incentiva-o a posicionar-se frente às situações. De modo que as obras literárias contribuam para formar o mundo e o humano, ensinando-nos a viver (e a refletir sobre o outro e nós mesmos) de maneira mais plena e um tanto realista.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste: e outras artes** 2.ed.Recife.Massagana2001.

ARAÚJO, P.C.A. **A cultura dos Cordéis**: territórios de tessitura de saberes. 2007, Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, 2007.

ARRAES, Jarid. **O nordeste é a periferia do Brasil**. 2015.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**.5, ed. São Paulo; Cultrix.

BRITO, Ronaldo Correia de. **Cântico para um mundo em dissolução**: entrevista a Eleuda de Carvalho. Fortaleza: Jornal O Povo, em 09/05/2005. Disponível em: Acesso em: 20 março 2016.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudo de teoria e história literária** Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul,2000.

CANDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. In: **Ciência e cultura**. São Paulo. USP, 1972.

DIÉGUES JR, Manuel. "Literatura de Cordel". In: BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de Cordel**. Nata: Fundação José Augusto, 1977.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREITAS. Ricardo Oliveira de. **A periferia da periferia: mídias alternativas e cultura de minorias em ambientes não-metropolitanos**. CADERNOS DE CIÊNCIAS HUMANAS - Especiaria. v. 10, n.17, jan./jun., 2007, p. 191-212.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de população em São Paulo**. Rio de Janeiro, 2009.